Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

"LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ"
O imaginário arthuriano em *A Queda de Arthur* de J. R. R. Tolkien

"THERE AND BACK AGAIN"
The arthurian imaginary in *The Fall of Arthur* by J. R. R. Tolkien

DOMINIQUE SANTOS[1]

CRISTINE WÖHL [2]

RESUMO

O livro *A Queda de Arthur* é uma obra de J.R.R Tolkien que contém um poema em versos aliterativos escrito, aproximadamente, em 1930, mas organizado e publicado por Christopher Tolkien, filho do autor, em 2013. O poema narra as incursões de Arthur pelo território da Britânia e a luta pela defesa de seu reino. O objetivo deste artigo é analisar como se dá a construção do imaginário Arthuriano no poema em questão a partir da observação das características do rei e de como ele se relaciona com o contexto em que é representado, no qual problematizamos a classificação de Arthur como "bretão". Para compreensão da obra, sempre em relação com a historiografia medievalística, utilizamos como metodologia a análise do discurso. Concluímos que o imaginário do rei Arthur do poema de Tolkien foi amplamente inspirado nas obras do ciclo arturiano que surgiram após o século XII, no qual Arthur é um cristão por excelência, imbuído de características e elementos expressos nos romances de cavalaria medievais e, portanto, muito provavelmente se distanciando dos contos orais propagados em línguas célticas no século VI. Essa última forma de representa-lo contribui, ainda que em partes, para uma espécie de apagamento da "celticidade arthuriana".

Palavras-chave: Rei Arthur; J.R.R Tolkien; Imaginário.

ABSTRACT

The Fall of Arthur is a work by JRR Tolkien, which contains a poem in alliterative verse written approximately in 1930, edited and published by Christopher Tolkien, son of the author, in 2013. The poem narrates Arthur's raids into the

[1] Professor de História Antiga e Medieval da FURB – Universidade de Blumenau. Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais [www.furb.br/labeam]. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: dvcsantos@furb.br

[2] Graduada em História pela FURB – Universidade de Blumenau. Professora na Rede Estadual de Ensino no Estado de Santa Catarina. E-mail: cristinewoh@gmail.com

territory of Britain and the struggle to defend his kingdom. The aim of this article is to analyze how Arthur's imaginary is constructed in Tolkien's poem, based on the observation of the king's characteristics and how he is related to the context in which he is represented in the poem, in which we problematize Arthur's classification as a "Briton". In order to understand the work, always in relation to medieval historiography, we used discourse analysis (DA) as methodology. In conclusion, we believe the imagery of King Arthur in Tolkien's poem was largely inspired by the works of the Arthurian cycle produced after the XII century, in which Arthur is a Christian par excellence, imbued with characteristics and elements expressed in medieval chivalry romances and, as such, he distances himself from the oral tales propagated by in Celtic languages in the 6th century. This later way of representing him, albeit in parts, contributes to a kind of erasure of what one could name as 'Arthurian Celticism'.

Keywords: King Arthur; J.R.R. Tolkien; Imaginary.

INTRODUÇÃO

As narrativas sobre o mito arturiano estão presentes na história desde a Antiguidade Tardia e início da Idade Média até os dias atuais, afinal, não é difícil encontrarmos exemplos de livros, filmes e séries que possuem como temática o Rei Arthur. Foi durante o século VI, porém, entre os bretões[3], povo de origem céltica habitantes da Bretanha[4], que Arthur surgiu na história como um chefe guerreiro vencedor de várias batalhas contra os saxões e outros povos, os invasores da Ilha. Devido a uma falta de unidade política entre os bretões, eles

[3] Os bretões são integrantes de um grupo celta que habitava a região das Ilhas da Grã-Bretanha, mesmo antes dela ser uma província romana. Com a invasão do território por outros povos, as tribos celtas que viviam no local, incluindo os bretões, se espalharam. Em português, seria melhor utilizar o termo "britões" ou "britanos", pelo menos em referência ao território que hoje corresponde à Inglaterra, Cornualha e País de Gales, mas, como a maior parte da historiografia emprega "bretões", decidimos mantê-lo para não ficar alternando entre "britão" e "bretão" sempre que recorrermos às citações.

[4] A expressão Bretanha é derivada do nome grego "*Πρεττανική*" (*Prettanikḗ*) e do latino *Britannia*. Do inglês antigo "*Breten*", do inglês médio "*Breteyn",* e do anglo-normando *"Bretaigne"*. Existem vários termos para se referir ao local, devido ao fato da região ter sido habitada por diversos povos durante muitos séculos, isso fez com que surgissem várias nomenclaturas. Estamos utilizando o termo "Bretanha" para se referir à região também conhecida como Britânia, em latim *Britannia*, pelo mesmo motivo que apresentamos para escolha de "bretão" e não "britão". Ou seja, se usamos "bretão" e "Bretanha" (e não "britão" e "britânia") é apenas porque o termo é empregado assim pela maioria de nossas referências bibliográficas. Seria mais apropriado usar "britão" e "Britânia" quando a referência fosse ao povo e ao território atual da Inglaterra, Cornualha e País de Gales e "bretão" e "Bretanha" apenas quando falássemos da Bretanha francesa, no norte da França. Em inglês, por exemplo, usa-se "*Britons*" e "*Britain*" para o primeiro caso e "*Bretons*" e "*Brittany*" para o segundo.

acabam perdendo as disputas no século VI, e é neste contexto que surge o imaginário de Arthur, o herói que um dia iria retornar de Avalon para salvar a Bretanha e expulsar os invasores. Após as batalhas na Bretanha, muitos bretões migraram para as regiões próximas da Ilha, espalhando o imaginário arturiano por diversos locais do globo.

O primeiro tópico deste artigo visa discorrer acerca de algumas das inúmeras narrativas que existiram sobre Arthur, assim como contém informações sobre a "Matéria da Bretanha", os bretões e o surgimento do imaginário do personagem no século VI. O tópico também abrange o imaginário do personagem na literatura a partir do século XII. Levando em consideração que a figura do Rei foi utilizada por diversos grupos sociais no decorrer da história, nosso intuito é apresentar algumas das modificações que ocorreram no imaginário do personagem neste sentido. No segundo tópico discorremos brevemente sobre J.R.R Tolkien, autor do poema *A Queda de Artur,* seu contato com a "Matéria da Bretanha", e efetuamos uma análise do imaginário arturiano em *A Queda de Arthur* buscando evidenciar e problematizar o imaginário do personagem Arthur de Tolkien.

1. O REI QUE FOI, É E SEMPRE SERÁ? ARTHUR, A MATÉRIA DA BRETANHA E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES.

A expressão "Matéria da Bretanha" é utilizada na historiografia para designar fontes e análises sobre "os bretões, Arthur, Merlim, a távola redonda, a cavalaria, as guerras contra os saxões, depois o Graal; e tem como cenário a Grã-Bretanha e a Bretanha francesa" (Megale, 1995, p. 11). Há diversas discussões bibliográficas sobre a tese, comumente aceita entre os historiadores, da procedência céltica das narrativas e mitos concernentes a Arthur. Jacques Le Goff apresenta Arthur como uma espécie de "patrimônio mítico-folclórico de raiz celta" (Le Goff, 1989, p. 67). As narrativas sobre o imaginário do personagem se modificaram durante a história e apesar de que seja muito provável que tenha sido inspirado por um personagem histórico não se sabe praticamente nada sobre ele. A existência de Arthur, então, não é comprovada, se realmente existiu,

"teria sido um chefe guerreiro (*dux bellorum*) vencedor de várias batalhas contra os saxões no século VI (Zierer, 2002, p. 47). Foi neste período que os bretões passaram a difundir histórias sobre a existência de um líder perfeito, Arthur, que retornaria da Ilha de Avalon para retomar o controle da Bretanha. Portanto, neste período, o imaginário do personagem Arthur começa a ser sistematizado, essencialmente, como um "guerreiro, um defensor dos bretões, e, na Alta Idade Média, sua figura permanece ligada à literatura oral dos celtas" (Le Goff, 2009, p. 18). Mas, afinal, quem são os celtas e os bretões?

Miranda Green define, no livro *Celtic World*, uma espécie de consenso que existe entre historiadores e arqueólogos, de que podemos falar de tribos celtas entre 600 a.C e 600 d.C. A autora enfatiza, no entanto, que existem "problemas em definir o que é celta e celticidade. As dificuldades surgem em parte pelo fato de que "celtas" e "céltico" são termos que significam coisas diferentes para pessoas diferentes (Green, 1996, p. 6). De igual modo, também há uma dificuldade em definir exatamente os limites da presença dos bretões no território que estamos analisando, apesar disso, suas "influências podem ser rastreadas por seus assentamentos, seus trabalhos em metal e mudanças tecnológicas, principalmente na técnica de fundir o ferro" (Webster, 1996, p. 623). As fontes históricas disponíveis sobre os bretões são textos, principalmente de autores clássicos gregos e romanos que tiveram contato com esses e outros povos "celtas". Importante frisar que romanos e gregos viam os celtas como "bárbaros" ou "selvagens", devido a eles não falarem suas línguas, portanto, é indispensável refletir sobre a representação e o imaginário deste povo no decorrer da história.

Uma vez que existem essas problemáticas em relação aos celtas, se torna difícil definir, de fato, quem foram eles e, de igual modo, os bretões, afinal, há várias discussões entre pesquisadores sobre o assunto. Nos dias atuais, por exemplo, existem disputas de identidades relacionadas às culturas celtas da Antiguidade, e a "busca por representação, reconhecimento e afirmação destas identidades irlandesas, escocesas e bretãs é uma disputa de memória multidirecionada no afã de fazer parte de uma grande narrativa histórica (Mello, 2018, p. 34). Há fontes históricas de escritos dos bretões em si, porém, grande parte delas contém apenas trechos muito pequenos, o que não nos possibilita

atestar de forma precisa como foi sua cultura. O que sabemos é que a língua falada pelos bretões era muito próxima do gaulês. Segundo Tácito, os bretões falavam uma língua não muito diferente do gaulês, tanto que a interpretação dos textos epigráficos de idiomas britônicos pode utilizar conhecimentos do gaulês" (Olivieri, 2008, p. 324).

No século VI, a região da Bretanha era uma província romana e a região em que viviam os celtas, neste período, era um lugar muito diverso étnico-culturalmente e, aparentemente, os romanos não interferiram muito no modo de vida dos bretões e das populações celtas, principalmente das tribos aliadas, fazendo com que tanto a língua quanto algumas hierarquias célticas fossem mantidas. Apesar de que algumas regiões não tiveram muito contato com Roma, grande parte da Ilha foi ocupada pelo exército e pela administração romana, portanto, provavelmente ocorreram trocas culturais entre estes povos. Os romanos no período também perseguiram os druidas, estes "exerciam várias atividades como a de juízes, médicos, poetas, recitadores, além de se dedicarem a funções religiosas e de participarem das guerras. O motivo da perseguição a eles foi o de que representavam a resistência à dominação romana" (Zierer, 2005, p. 142). Neste período, os bretões viviam em tribos rivais entre si, assim como tinham disputas de territórios com outros povos celtas, como pictos e escotos. Com a desagregação do Império Romano no século V, os romanos deixaram a Ilha, pois Roma precisava que as tropas estivessem na capital para protegê-la das ditas invasões bárbaras.

Acredita-se que a primeira menção a Arthur ocorre no poema épico *Gododdin*, narrativa em versos atribuída a um bardo galês chamado Aneirin, que conta a história de um guerreiro que combate às invasões dos saxões. Estima-se que o texto foi escrito entre o século VII e X e o poema apresenta a história de um guerreiro que lutou heroicamente contra as invasões, mas afirma que este guerreiro não foi o mais bravo existente porque ele não foi Arthur, ou seja, o poema define Arthur como o maior entre os heróis que existiram. Esse trecho também mostra que Arthur "era um personagem conhecido, pois é feita menção a ele sem trazer maiores informações sobre sua história," (Lischeski, 2013, p. 45) portanto Arthur já era um personagem conhecido no imaginário popular do período.

A segunda obra a mencionar Arthur foi escrita pelo historiador galês Nennius, *Historia Brittonum* (*História dos Bretões*). Escrita provavelmente entre os anos 829 e 830, ela é a primeira fonte latina a mencionar o personagem, e descreve as batalhas contra os saxões, nas quais Arthur aparece como "*dux bellorum".* As fontes históricas que existem sobre Arthur no decorrer do tempo demonstram que existiu uma complexa relação com as "heranças culturais disponíveis na época de sua elaboração, os autores se apropriam de elementos culturais de origem e natureza essencialmente diferentes" (Pereira, 2008, p. 102). Portanto, é perceptível que não existe um consenso entre os pesquisadores sobre como era, de fato, o imaginário das histórias celtas sobre Arthur, mas é possível que a narrativa tenha surgido e se difundido a partir da oralidade dos bretões. As narrativas galesas dos contos, por exemplo, apresentam dados que remetem à sobrevivência de "um conjunto de mitos, tradições e representações de indiscutível origem celta. As estórias contidas no *Mabinogion,* por exemplo, nos transmitem algumas noções fundamentais - crenças, tradições, instituições - comuns à Irlanda e ao País de Gales" (Amim, 2001, p. 67).

Ao analisar a cristianização destes contos celtas, Adriana Zierer demonstra como ocorreu uma apropriação da Igreja Católica de alguns elementos que possivelmente estão relacionados à cultura e aos mitos celtas, e estão presentes em um dos contos do *Mabinogion,* intitulado *Kulhwch e Olwen*. O Graal, por exemplo, está relacionado com o caldeirão céltico da abundância, segundo a autora, ele foi transformado no cálice que Cristo bebeu na Última Ceia. O caldeirão da abundância aparece, primeiramente, em um poema do século X *Preideu Annwyn* (*Os Despojos do Outro Mundo*), no qual Arthur vai ao outro mundo céltico em busca do objeto, e Zierer demonstra como esta narrativa foi apropriada e desenvolvida, posteriormente, pelo poeta Chrétien de Troyes, que transforma o imaginário do caldeirão no Graal durante o século XII. A autora também demonstra como na narrativa do *Mabinogion*, Arthur e seus companheiros possuem seus imaginários ligados à personificação dos deuses e, por isto, apresentam elementos humanos e divinos. Outro ponto dos contos galeses, que também está ligado à origem oral celta do mito, demonstrado pela autora, é que, no conto galês, os companheiros de Arthur possuem suas

nomenclaturas ligadas a animais representando seu caráter divino (Zierer, 2002, 2005 e 2010).

Estas fontes históricas nos apresentam indícios de como foram os contos orais celtas arturianos, afinal o caldeirão da abundância existe, o outro mundo céltico também, assim como a relação de Arthur e seus cavaleiros com elementos e poderes da natureza, os nomes dos animais, por exemplo, são indícios da cultura ancestral celta. Estas narrativas vão ser lentamente substituídas por elementos da cultura cristã, portanto, os contos celtas de fato foram, muito provavelmente, cristianizados no decorrer do tempo, principalmente após o século XII, perspectiva que aprofundaremos a seguir.

2. DE *"DUX BELLORUM"* A REI CRISTÃO: A CIRCULAÇÃO DAS NARRATIVAS ARTURIANAS NA EUROPA OCIDENTAL E O USO POLÍTICO DO IMAGINÁRIO ARTURIANO.

Durante o século XII, a imagem de Arthur é transformada em "rei" na obra de um cronista provavelmente galês, um cônego de Oxford chamado Geoffrey de Monmouth, em sua obra *Historia regum Britanniae* (*História dos reis de Bretanha*), redigida entre 1135 e 1138. Neste período, Arthur já é conhecido como "herói dos galeses e como modelo do mundo cavalheiresco, o rei da Bretanha está presente em uma produção historiográfica de cunho oficial promovida pelos reis normandos da Inglaterra" (Silva, 2004, p. 23). Esta época da Idade Média também apresentou um conjunto de heróis em "processo de sacralização, o que corresponde à progressiva cristianização pela qual passou a Matéria da Bretanha" (Magalhães, 2017, p. 455). Estes textos passaram a apresentar diversas virtudes consideradas cristãs como a "humildade, a justiça, a coragem, que foram incorporadas à mentalidade social ao longo de muitas gerações. Os modelos sociais valorizados foram transmitidos pelo discurso clerical e reforçados pela narrativa dos ciclos arturianos" (Magalhães, 2017, p. 455).

Na literatura, em específico, o universo arturiano aparece a partir da segunda metade do século XII, quando surgiu nas "cortes nobiliárquicas da França textos que foram capazes de melhor expressar a matéria literária

arturiana: o *roman"* (Zierer, 2002, p. 95). A obra que, de fato, efetuou a difusão das histórias de Arthur na Europa Ocidental foi *Historia regum Britanniae*, de Monmouth, e existe uma espécie de consenso entre os pesquisadores da área neste sentido. Esta obra contém um relato sobre a história dos reis da Bretanha a partir de "Brutos que junto com os romanos trouxeram a "civilização" aos bretões" (Le Goff, 2009, p. 19). A produção de Monmouth teve grande relevância para o mito de Arthur porque o autor reuniu relatos que já existiam e eram "difundidos pela tradição oral, além do grande 'sucesso' que alcançou em sua época" (Coelho, 2017, p. 44) o que auxiliou na fama do imaginário arturiano.

Uma das mudanças no imaginário do personagem que ocorreu devido a representação tecida por Geoffrey, e se perpetua nas narrativas posteriores, é a passagem de *dux bellorum* a rei cristão. Nos contos anteriores à cristianização do mito, Arthur não é associado à figura de rei: "nos primeiros escritos latinos sobre este indivíduo houve uma modificação, uma passagem da idéia de *dux bellorum* (chefe guerreiro), nos escritos atribuídos a Nennius, a de rei cristão invencível" (Zierer, 2010, p. 9), imaginário amplamente difundido a partir da obra de Geoffrey. Apesar das narrativas serem produzidas pelas cortes, o imaginário arturiano do século XII chegou a todos estratos sociais, "do rico ao pobre, do senhor feudal aos menestréis, durante a Idade Média todos foram possíveis transmissores da Lenda Arturiana" (Stiegelbauer, Milancovici, Tirban, 2012, p. 34).

A cristianização do mito de Arthur auxiliou também no fortalecimento da figura do rei, "cujo poder estava em processo de centralização a partir desta época, assim como a derrotar populações não-cristãs e de impor o seu poder a vastas regiões" (Zierer, 2005, p. 152). Um exemplo, neste sentido, ocorre com a conquista da região da Bretanha por Guilherme da Normandia, em 1066, na Batalha de Hastings. A partir da dominação da região, a dinastia anglo-normanda se apropria do personagem Arthur para fins políticos, pois "os conquistadores criaram uma nova interpretação sobre Arthur, procurando apresentar-se como descendentes do rei bretão" (Zierer, 2002, p. 47). Outro exemplo de como a cristianização do mito arturiano foi utilizada devido a fins políticos ocorreu na região da Grã-Bretanha pelos Plantagenetas. Monges irlandeses, ao reformarem a abadia de Glastonbury, afirmaram o descobrimento da tumba de Arthur na

última década do século XII, acontecimento que foi "atestado por Giraldus Cambresis, e pode ter sido forjado pelos monges com a intenção de angariar fundos para a reforma da abadia" (Amim, 2001, p. 67). Estes exemplos sugerem como a cristianização e a propagação do mito do imaginário de Artur "beneficiou diversos grupos dominantes da sociedade medieval ocidental, motivo pelo qual ele se propagou no tempo" (Zierer, 2005, p, 152).

Lênia Márcia Mongelli, que estuda a "Matéria da Bretanha" na região de Portugal, enfatiza que ao analisarmos a cristianização dos contos "pagãos" que aconteceram durante a Idade Média devemos levar em consideração o processo de transmissão da cultura antiga ao medievo, que perdurou até a modernidade. Segundo a autora, "por mais que se condenassem as manifestações artísticas pagãs durante o medievo, inclusive a Literatura, era impossível não reconhecer a grandeza delas e deixar de reaproveitá-las, em outro registro e em outros contextos" (Mongelli, 2006, p. 60), o que justifica a difusão das narrativas arturianas durante o período medieval, apesar de que, como a própria autora aponta, as histórias sobre o personagem foram reaproveitadas em outros registros e contextos, os quais cada literato efetuou seu próprio imaginário sobre o rei, como procuramos apontar no decorrer deste tópico.

3. O IMAGINÁRIO ARTURIANO EM "*A QUEDA DE ARTHUR*" DE J. R. R. TOLKIEN.

No epitáfio de Tolkien, no cemitério Wolvercote, em Oxford, Inglaterra, lemos a seguinte inscrição, em conformidade com um desejo que manifestou em seu testamento: "Edith Mary Tolkien – Luthien – 1889-1971/John Ronald Reuel Tolkien – Beren – 1892 – 1973". É o suficiente para percebermos que a vida acadêmica de Tolkien, suas criações literárias, seu reino de fantasia e sua vida pessoal sempre andaram juntos. Lúthien e Beren são personagens de seu mundo fantástico da terra média, ela era uma elfa, filha de Thingol e Melian, e ele um mortal. Fantasia, biografia e vida pessoal se misturam, já que, conforme o epitáfio, Lúthien é sua esposa e Beren o próprio Tolkien, assumindo as identidades narradas em grandes obras do autor nascido na África do Sul, tais como: O Silmarillion, o poema épico "a balada de Leithian", "a guerra das jóias"

e “o legendarium”. O caráter épico que tentou atribuir às obras que escreveu também foi adaptado para contar sua própria trajetória, pelo menos a imaginação de seus últimos passos e de como deveria figurar ao lado de sua esposa para aqueles que visitassem seu túmulo em Oxford.

Tolkien teve formação acadêmica no Reino Unido - formou-se em Letras pela Universidade de Exeter, especializando-se mais tarde em Filologia. Ao ingressar na faculdade Tolkien decidiu se dedicar a Filologia, área científica que estuda as estruturas e o desenvolvimento das línguas, a qual optou por ser sua área de especialização e, posteriormente, ministrou suas aulas na Universidade de Oxford. Seus interesses na filologia fizeram com que ele tivesse um “grande contato com os antigos textos de diversos idiomas de modo que seus estudos acabaram por se concentrar nessas obras” (Ferreira, 2018, p. 8). Através da filologia, Tolkien conheceu e estudou inúmeros textos mitológicos.

Aparentemente, Tolkien demonstrou interesse na literatura arturiana “desde a infância, embora no final das contas ele tenha se tornado crítico dela em vários aspectos” (Hughes, 2013, p. 125). Por volta de 1925, John e Eric Valentine Gordon, filólogo canadense, trabalharam na edição do poema do inglês médio *Sir Gawain and the Green Knight,* a história medieval de um cavaleiro arthuriano em busca de um misterioso gigante. Tolkien foi introduzido e influenciado pela “tradição mitológica dos povos nórdicos e das lendas germânicas, íntimo de *Beowulf*, assim como do pano de fundo fragmentado das tradições do inglês antigo e do inglês médio (White, 2016, p. 93). Na década de 1930, Tolkien também escreveu *The Lay of Aotrou e Itrou*, poema que possui elementos que provém da cultura celta, no qual ocorre o contato com o Outro Mundo Céltico, assim como pactos com a magia para a manipulação da natureza. A produção e seu contato com estas obras tornam perceptível como Tolkien estava familiarizado tanto com obras do ciclo arturiano quanto com produções da mitologia céltica quando escreveu *A Queda de Arthur.*

No livro *As Cartas de J.R.R Tolkien,* organizado por Humphrey Carpenter com a assistência de Christopher Tolkien, Tolkien menciona a “Matéria da Bretanha” nove vezes[5] em cartas endereçadas a diversas pessoas. Sobre *A*

[5] Como são diversas menções estão disponíveis em: Carpenter, Humphrey. **As Cartas de J.R.R Tolkien.** Harper Collins Publishers, 1981, páginas: 99, 100, 225, 242, 332, 365, 403, 465, 581.

Queda de Arthur em si, Tolkien menciona o poema em uma carta sem data para Houghton Mifflin Co,115: na qual discorre que tem apreço por escrever versos aliterativos e destaca que ainda pretende finalizar a obra. A produção literária e acadêmica de Tolkien na década de 1930 mostra que ele possuía um grande domínio do inglês médio, e que o autor fez amplas pesquisas sobre o tema, língua em que decidiu escrever o poema. As produções do autor antes e durante o período em que escreveu *A Queda de Arthur*, como as citadas acima*,* deixam claro que Tolkien se interessava e conhecia tanto obras da "Matéria da Bretanha", quanto poemas escritos em versos aliterativos e em inglês médio, todos estes elementos do poema de Tolkien sobre Arthur.

O livro *A Queda de Arthur* contém um relato do último ano da campanha do Rei Arthur à sua guerra contra os saxões, durante a qual Mordred - nomeado como regente - comete traição e alia-se aos inimigos de Arthur para tomar o poder. O poema termina com um discurso de Arthur aconselhando que eles deixassem de enfrentar as forças de Mordred em Kent. O poema sobre Arthur em si contém 953 linhas de versos aliterativos, tradição da poesia inglesa muito comum durante o período medieval. Duas obras famosas da literatura em inglês antigo nesta métrica são os poemas *Beowulf* e *A Batalha de Maldon*. A obra termina com um ensaio sobre a evolução do poema e um apêndice sobre versos em inglês médio escrito por Christopher Tolkien, no qual Christopher compara e relaciona o poema de Tolkien com duas obras do ciclo arturiano: *Historia Regum Britanniae* (1135-1138), de Geoffroy de Monmouth e *Le Morte d'Arthur* de Thomas Malory, "ambos autores medievais que são os escritores mais influentes no que concerne os contos Arturianos" (Ramos, 2013, p. 201). Christopher também elaborou o prefácio do livro e, nele, enfatiza que quando J.R.R Tolkien se refere aos bretões na obra, classificando tanto o personagem Arthur quanto seus aliados como "bretões", Tolkien estaria se referindo aos celtas: "Deve-ser ter em mente que em todo este livro a palavra *britânico(s)* refere-se específica e exclusivamente aos habitantes celtas e seu idioma" (Tolkien, 2013, p. XX). Além desta observação, no capítulo *O poema na tradição arturiana*, Christopher, ao citar um trecho do poema de *Morte Arthure*, faz novamente a comparação do termo "uma luta feroz , até a morte dos "audazes bretões" (Tolkien, 2013, p.149). Portanto, nos questionamos se o imaginário do personagem Arthur de Tolkien

possui realmente características culturais que podemos classificar como celtas, e "bretões", afinal, sabemos que o mito "construído pelos bretões era bem diferente daquele imaginado pelos escribas desde o século XII, os quais só conservaram elementos superficiais das histórias tradicionais e as reescreveram de acordo com os gostos e interesses das cortes europeias" (Zierer, 2002, p. 47). Levando em consideração que "todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário, assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar" (Baczko, 1985, p. 309) realizamos uma análise do imaginário arturiano no poema de Tolkien com o intuito de refletirmos sobre o imaginário "celta", segundo Christopher, do personagem de J.R.R Tolkien.

Os primeiros versos do poema de Tolkien descrevem o seguinte:

> Arthur partiu ao oriental combate e trava batalha em terras selvagens, nas vagas navega, atravessa até os saxões, do reino de Roma a derrota quer evitar. Pra voltar atrás do tempo a maré a esperança o carrega, os hereges derrotar que com naus inúmeras nunca mais assediam as praias, nem façam pilhagens da Bretanha, sua ilha. (Tolkien, 2013, p. 2 - 3)

O primeiro elemento a se levar em consideração neste trecho é que os inimigos aparentemente são os saxões, portanto, neste aspecto, a narrativa se insere no conto oral celta, afinal um de seus inimigos nas batalhas do século VI são os saxões, porém, ao refletirmos sobre a tradição da narrativa celta devemos pensar sobre a figura de Arthur imaginada como Rei. Como descrito no trecho acima, segundo Tolkien, os hereges estão assediando as praias da Bretanha, sua ilha, ou seja, Tolkien define o imaginário de Arthur como se este fosse um Rei que governa toda a extensão do território da Bretanha. Como descrito anteriormente, se Arthur realmente tivesse existido ele provavelmente teria sido um guerreiro, um líder dos bretões durante as batalhas contra os invasores, Arthur é imaginado no conto oral celta como *dux bellorum*, sua imagem não é descrita precisamente como Rei. A figura de Arthur como Rei vai se cristalizar a partir da obra *Historia Regum Britannie* com Geoffrey de Mounmouth, que escreveu seu discurso com o objetivo de exaltar os bretões, no qual o autor "procurou fazer uma história genealógica para legitimar os grandes senhores

anglos-normandos, e logo depois a dinastia dos Plantagenetas. O texto fora uma encomenda da corte de Henrique I (1100-1135), avô de Henrique II e então rei da Inglaterra" (Zierer, 2005, p. 49). Portanto, é imprescindível levarmos em consideração que foi o rei da Inglaterra do período que encomendou o discurso do imaginário arturiano de Monmouth e nesta fonte os normandos provavelmente tiveram o intuito de "designar sua identidade, elaborar uma certa representação de si ligada a Arthur, na qual buscaram relacionar a figura do Rei com seus papéis e suas posições sociais, exprimir e impor crenças comuns" (Baczko, 1985, p. 309) para sociedade do período, apresentando com o discurso escrito por Monmouth, o imaginário do Rei Arthur que lhes interessava. Além disto, durante a Idade Média, "mais que do guerreiro e do cavaleiro, Arthur é a encarnação mítica do líder por excelência das sociedades políticas e medievais, o rei [...] e permanece no imaginário poético europeu como o símbolo desse rei" (Le Goff, 2009, p. 19). Aqui, Le Goff evidencia que o imaginário europeu poético do personagem passa a estar ligado com a simbologia do rei, elemento ausente das narrativas celtas.

Como descrito no trecho citado anteriormente, Arthur está travando batalhas contra os "pagãos" e "hereges" que estão invadindo seu território. O termo "pagão" aparece em outros dois momentos da narrativa e se relaciona com o imaginário de Arthur no poema de Tolkien. O primeiro, é quando Arthur descobre a traição de Mordred: "Por um tempo Arthur, incontido de ira, calou em silêncio. Em vinte batalhas combateu, conquistou, rebateu inimigos. Sua mão fez humildes os comandos pagãos" (Tolkien, 2013, p. 16 - 17). No segundo momento, o termo aparece quando Tolkien descreve um dos personagens da história e o classifica como pagão: "Radbod, o Rubro, pirata destemido, fiel ao ódio, de ânimo pagão, morreu, foi sem rumo. A aurora é escura. Ao mar remetem, sem temer por seu espírito que anda pelas águas, uma alma sem lar" (Tolkien, 2013, p. 26 - 29). Neste trecho, é possível notar, além da representação do personagem como "pagão", que no imaginário de Tolkien a alma de Radbod está "sem lar", ou seja, ele não ascende ao "céu" devido suas crenças. Além destes termos, Tolkien também atribui a palavra "selvagem" aos inimigos de Arthur: "Selvagens os ventos dos rivais na Bretanha!" (Tolkien, 2013, p. 15). Além destes exemplos, o próprio Tolkien classifica os traidores de Arthur como

"renegadores de Cristo": "Traidores, príncipes, na costa agrupam seus escudos sem pudor enganando seu senhor. Renegam a Cristo, virando sua esperança ao poderio pagão" (Tolkien, 2013, p. 78 - 81). Neste sentido, como observado pelo o próprio Christopher Tolkien ao inserir o poema do pai na tradição arturiana, a marca dos inimigos de Arthur no imaginário do poema é ser pagão. Levando em consideração que os bretões são um povo do século VI, como citado anteriormente, e que a figura de Arthur como rei cristão foi cristalizada com Monmouth nos questionamos: será que as histórias sobre o guerreiro Arthur contadas oralmente pelos celtas possuíam como marca dos inimigos os "pagãos", os "selvagens" e "hereges"? Será que os bretões do século VI realmente empregavam tais termos para os saxões e seus inimigos? Com a desagregação do Império Romano no século V, os bretões "passaram a sofrer o ataque de outros povos que pretendiam conquistar a ilha: os escotos (irlandeses) e os pictos (escoceses) que sob a chefia dos saxões conseguiram dominar a Bretanha" (Zierer, 2005, p. 47). É interessante observarmos que os escotos e pictos também eram povos de origem céltica que viviam na região desde a pré história. Esses povos realmente estiveram em conflito com os bretões, porém, vale refletirmos sobre o imaginário social do período e nos questionarmos se, para eles, os pictos e os escoceses, que também possuíam uma cultura celta, eram vistos como "selvagens", "pagãos" ou "hereges".

Não sabemos responder com exatidão esses questionamentos, mas achamos relevante refletirmos sobre o tema visando que as narrativas do ciclo arturiano que utilizam estes termos são as escritas durante o século XII, ou seja, mais de 600 anos depois da profusão da narrativa arthuriana entre os bretões. Devemos considerar que muitas das populações europeias que viveram na região da Bretanha foram cristianizadas, e por isso questionamos: será que toda a população celta foi cristianizada de maneira igual e conjunta durante a história? Provavelmente, não foi isso que ocorreu, afinal, trata-se de um grupo dinâmico de comunidades e pessoas, com práticas tanto individuais quanto coletivas e, considerando que várias formas de percepções religiosas, cristãs e não-cristãs, permearam os grupos sociais que habitaram a Ilha da Antiguidade Tardia ao tempo presente, é mais plausível interpretar que diversos grupos, em épocas e lugares distintos, adotaram, de acordo com suas próprias visões de mundo e

interesses sociais, políticos e culturais, o cristianismo e outras práticas religiosas cada um à sua maneira.

Não cabe em nosso trabalho resolver a querela entre nativas e anti-nativistas, ou seja, determinar se a literatura medieval insular pode ser ou não considerada como uma "janela para Idade do Ferro", conforme apontaram Santos e Farrell, ainda que refletindo de forma específica sobre o *Táin Bó Cúailnge* e o caso irlandês" (Santos, 2014, p. 220 - 241). Porém, por outro lado, não podemos nos esquecer também de que a religião celta era uma "adoração imprecisa e abstrata das forças da natureza, sem uma ênfase proeminente em um deus" (Green, 1996, p. 27).

Nos contos arturianos em si é muito conhecida a figura do mago Merlin, que tem sua origem no conto de Monmouth, porém, os celtas, e possivelmente os bretões, realmente possuíam druidas, que eram figuras importantes em sua sociedade. Os druidas e os bardos eram considerados os responsáveis por serem guardiões dos "mitos e das lendas ancestrais e por transmitirem, através da tradição oral, os conhecimentos e a memória da cultura de uma geração a outra. Os druidas eram descritos como filósofos, capazes de se comunicar com o divino e eram responsáveis pelos rituais" (Martins, 2015, p. 97). De acordo com João Lupi (2004, p. 74), os druidas eram:

> (...) intelectuais de alto valor, equiparáveis aos sábios de outros povos mais eruditos; seus conhecimentos mais ocultos tinham semelhanças com os dos pitagóricos; tinham especial sabedoria acerca da natureza em geral tanto da astronomia e cosmologia como dos reinos animal e vegetal; e exerciam funções jurídicas, e políticas além das pedagógicas.

Devemos levar em consideração que o que nós sabemos sobre as populações celtas provém de "narrativas mitológicas produzidas na Idade Média escrita nos monastérios Cristãos, achados de artefatos arqueológicos e os escritos de antigos viajantes gregos e romanos" (Martins, 2015, p. 97). O sistema de crenças dos druidas pregava a imortalidade da alma (Santos, 2023) e, assim, "legitimava o furor guerreiro e o destemor para com a morte, fato impressionante para os gregos e os romanos, alimentando o seu discurso acerca da irracionalidade dos bárbaros celtas" (Olivieri, 2008, p. 276). Portanto, não

possuímos uma narrativa dos próprios povos celtas falando sobre si, neste sentido, devemos observar até que ponto os elementos culturais destes povos foram modificados através do tempo devido às relações de poder que regem os discursos e estão ligadas aos interesses dos que difundiram as histórias arturianas a partir de seus espectros, sendo necessário refletirmos mais sobre o entrecruzamento e o entrelaçamento destas narrativas.

O imaginário de Arthur, em *A Queda de Arthur,* possui elementos que expressam os ideais dos romances de cavalaria e do amor cortês do período medieval. A partir do século XII e XIII, os cavaleiros passam a ser figuras sociais importantes que detém uma função e um compromisso assumido uma missão cristã que devia "proteger a Igreja, as viúvas, os órfãos, os peregrinos, os pobres e os oprimidos de todas as extrações. Nobres sem chão, ou melhor, sem a posse de terras, ao sagrarem-se cavaleiros, saíam em busca de uma vida aventurosa" (Lopes, 2011, p. 152). Quando Tolkien descreve Gawain no poema, os ideias de cavalaria, presentes nos romances arturianos a partir do século XII, ficam evidentes:

> Gawain é grande, cuja glória aumenta quando os tempos se toldam, é justíssimo e audaz, entre valentes cavaleiros desde logo provado, socorro e alcácer na queda do mundo. [...] Adversários à frente, as flamas os seguem avante, ao levante cavalgam ávidos, todos fogem já deles como da face de Deus (Tolkien, 2013, p. 6 - 7).

Este trecho contém vários elementos dos ideais de cavalaria. Gawain é extremamente exaltado e descrito como invencível, justo e audaz, ele está lutando contra seus inimigos para defender seu povo, os oprimidos. Os adversários fogem de Gawain como da face de Deus, aqui se configura a missão cristã de proteger o território dos invasores. Outros personagens da obra também possuem características dos ideais românticos da cavalaria, como quando Tolkien descreve Lancelot, Gawain ou Sir Cradoc. Além dos elementos citados acima, os romances arturianos difundidos a partir do século XII apresentam "o rei Artur em seu reino de Logres, seu castelo na sua cidade, Camelot, e a Távola Redonda, seu grupo de cavaleiros, que eram considerados os melhores, mais corajosos e mais honrados do mundo" (Klatau, 2002, p. 8). O próprio Tolkien emprega no imaginário do poema tanto a palavra cavaleiros quanto menções à

Távola Redonda, nos quais é possível perceber o enaltecimento e a invencibilidade dos cavaleiros de Arthur, elementos que provêm dos romances de cavalaria medieval. Enfatizamos que o período a partir do século XII "costuma ser apontado como o auge da época equestre na nossa Idade Média, e os romances assinalam, sem qualquer dúvida, uma espécie de vitória da cavalaria" (Le Goff, 1989, p. 68). Esses ideais românticos e cavalheirescos não estão presentes nas narrativas celtas, afinal a própria literatura que expressa esses elementos, o *roman* surge somente no século XII.

Já a Távola Redonda é citada seis vezes durante a narrativa do imaginário do poema de Tolkien e ela acaba devido a traição de Mordred ao usurpar o trono e a Rainha, Guinevere. Enfatizamos que diversos elementos citados acima são inexistentes na narrativa difundida pelos bretões no século VI. Primeiramente, a própria traição de Mordred utilizada por Tolkien surge com a obra de Geoffrey Monmouth no século XII. Outro elemento inexistente na narrativa bretã é a cidade de Camelot. O local aparece no poema de Tolkien, porém, nas fontes históricas o Castelo/Cidade vai surgir primeiramente em aproximadamente 1160, pois "Chrétien de Troyes que compõe seus romances arturianos em verso e é o primeiro a mencionar o Graal, Camelot e Lancelot" (Ramos, 2013, p. 183). Os dois últimos aparecem no imaginário de Tolkien, que decidiu não mencionar o Graal em seu discurso, convém enfatizar, por conseguinte, que esses elementos irão surgir no ciclo arturiano cerca de 600 anos depois da narrativa dos bretões. Por fim, a Távola Redonda aparece pela primeira vez com Wace em *Roman de Brut* escrito em 1155. Wace produziu uma espécie de "adaptação francesa do texto de Geoffrey e contém a primeira menção à Távola Redonda" (Ramos, 2013, p. 183).

Todos estes elementos nos permitem concluir que o imaginário arturiano de *A Queda de Arthur* de Tolkien possui diversas características das narrativas do ciclo arturiano posteriores ao século XII, e sabemos que esses discursos produzidos durante o medievo tinham o interesse das cortes em utilizar o imaginário do rei Arthur para reafirmar seu poder de acordo com os interesses dos locais onde estas foram escritas. Portanto, nos questionamos se Christopher, ao classificar Arthur como bretão, levou em consideração essas discussões existentes sobre a origem do mito, afinal, o próprio Christopher, em

seu capítulo de inserção do conto de Tolkien nas lendas arturianas, compara o poema de Tolkien com obras posteriores ao século XII. Nosso intuito aqui é apresentar uma reflexão sobre a cultura céltica e o apagamento das contribuições deste povo para a construção de um personagem histórico que foi extremamente relevante na historiografia e continua presente na cultura, na arte em geral e nas discussões historiográficas até os dias atuais.

A marca do inimigo no poema de Tolkien é ser "pagão", de certa forma, isso sugere que Arthur e seus cavaleiros são cristãos, porém, vamos apresentar alguns exemplos específicos de como o cristianismo é representado no imaginário do Arthur de Tolkien. A primeira parte do poema de Tolkien encerra com os seguintes trechos: o primeiro, dizendo que os "[...] senhores mais bravos, melhores cavaleiros de melhor renome, homens de mais honra sob o amplo céu vão reunir-se de novo até o final juízo (Tolkien, 2013, p. 19), e o segundo, afirmando o desejo [...] Que nos guarde Deus auspiciosos parceiros, corações unidos, pois percorre nossos corpos aquele mesmo sangue, Arthur, tu e Gawain!" (Tolkien, 2013, p. 19). Neste trecho, Tolkien está narrando quando Arthur, Lancelot e Gawain estão viajando para lutar contra os invasores. O próprio trecho utiliza a palavra Deus, que aparece três vezes durante todo o poema, evidenciando o imaginário cristão de Arthur, porém, além disso, o trecho apresenta outro elemento que caracteriza o cristianismo: "o juízo final". O Dia do Juízo Final é o julgamento final e eterno feito por Deus sobre todas as nações, conforme os ideais cristãos. Em alguns versos acima, Tolkien até cita a própria Ilha de Avalon, porém, ele deixa claro que os "melhores cavaleiros" irão se reunir novamente até o "juízo final", ou seja, os cavaleiros virtuosos do imaginário de Tolkien estão imbuídos nas "virtudes consideradas cristãs – a humildade, a justiça, a coragem – e foram incorporadas à mentalidade social ao longo de muitas gerações. Esses modelos sociais valorizados foram transmitidos pelo discurso clerical e reforçados pela narrativa dos ciclos arturianos" (Magalhães, 2017, p. 455) posteriores ao século XII.

Outra passagem do poema que aponta o cristianismo no imaginário de Tolkien está no trecho *Do pôr do sol em Romeril*: "escutar da cristandade os badalos agudos de sinos que oscilam aprazíveis na brisa, um príncipe de paz que impera e reina ao pé da porta aberta do Paraíso." Neste trecho, Arthur está

de fato apreciando um pôr-do-sol e aqui fica mais uma vez evidente como o imaginário do personagem está ligado ao elemento cristão, afinal, Arthur está a ouvir “a cristandade" e reina ao pé da porta do Paraíso.

Ao observarmos o contraste de elementos celtas e cristãos, ou seja, características étnico-linguísticas com princípios religiosos, e a relação do imaginário de Arthur em diferentes aspectos nas narrativas acima buscamos “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimiram e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos” (Cardoso, Vainfas, 1997, p. 450). O discurso permite analisar “os hábitos culturais difundidos naquela época, os autores (quando conhecido) e o contexto de uso das palavras no texto,” (Cardoso, Vainfas, 2012, p. 226) e nosso propósito foi investigar como o imaginário do personagem é descrito ao compararmos os diferentes discursos existentes sobre o imaginário arturiano em algumas das inúmeras fontes sobre o personagem.

Ao observar as narrativas históricas sobre Arthur em distintos períodos históricos é possível realizarmos uma reflexão acerca dos discursos do imaginário do personagem que provém do período medieval e que permaneceram, ou foram alterados, no decorrer do tempo, mas que de alguma chegaram até Tolkien e os inspiraram para escrever *A Queda de Arthur*, afinal “gera-se um efeito discursivo no imaginário social quando relacionado ao interdiscurso, pois “o discurso só faz sentido no interior de um imenso interdiscurso” (Maingueneau, 2015, p. 28), e entendemos que o discurso da figura de Arthur como Rei cristão invencível vai se concretizar com Monmouth e com as obras posteriores sobre Arthur que tiveram a narrativa da *História dos Reis da Bretanha,* como referência, como apontamos anteriormente.

Algo a se destacar sobre o poema é que “o trabalho de Tolkien permaneceu inacabado” (Sudell, 2016, p. 71), ele não escreveu o fim do poema, o que nos impede de saber o destino de Arthur. Apesar de estar inacabado, o que podemos notar através dos inúmeros exemplos acima é que o imaginário do rei Arthur do poema de Tolkien foi amplamente inspirado nas obras do ciclo arturiano que surgiram após o século XII com a divulgação da *História dos Reis da Bretanha* e do *roman,* neste sentido, o Arthur de Tolkien é um Arthur cristão

por excelência, imbuído de características e elementos expressos nos romances de cavalaria medievais e, portanto, o Arthur de Tolkien muito provavelmente se distancia dos contos orais propagados pelos celtas no século VI.

Devemos levar em consideração alguns aspectos que possam ter contribuído para o imaginário do personagem de Tolkien. Em primeiro lugar, é o contato de Tolkien com essas obras posteriores ao século XII, como apontado em nosso artigo. O segundo elemento que devemos pensar é a nacionalidade de Tolkien, o autor era um "patriota e amava seu país, mas nunca se considerou um "britânico". Na verdade via a si mesmo mais precisamente como um "inglês" [...] e ele se identificava com uma tradição mais ancestral, ligada ao coração antigo da Inglaterra" (White, 2016, p. 166), um grande exemplo disto é a questão de que Tolkien sentia falta de um panteão da literatura inglesa, o que foi um dos motivos para ele escrever seu *legendarium*. A escolha da métrica da língua do poema de *A Queda de Arthur* nos dá indícios de como Tolkien apreciava o dialeto porque acreditava que este era falado pelos seus antepassados que viviam na West Midlands, ou seja, ele associava o dialeto à sua nacionalidade.

Sobre o imaginário do personagem Arthur conter elementos bretões (celtas) ou não devemos levar em consideração que Tolkien durante toda sua carreira literária negava, com raras exceções, "qualquer sugestão de que sua obra havia sido influenciada por outros escritores. As suas respostas às bem-intencionadas cartas de fãs ao redor do mundo, perguntando se ele havia sido inspirado por este ou aquele livro ou escritor, eram sempre salpicadas de negações e acusações" (White, 2016, p. 199). No que se refere ao celtas, essa negação era ainda mais explícita e Tolkien "abominava a estética céltica e queria justificar a todo custo sua visão anglo-saxã do legendário ou até mesmo da sua vida acadêmica, por assim dizer" (Carvalho, 2020, p. 1). Para o professor, existia uma espécie de:

> (...) dificuldade de compreensão do celtismo devido ao excesso de elementos, de referências, de apropriações, de disputas políticas de Memória etc. E tudo isso era profundamente avesso ao conhecimento acadêmico dele próprio baseado no material escandinavo, nos estereótipos acadêmicos ingleses e nas necessidades de seu próprio domínio catedrático." (Carvalho, 2020, p.1)

Neste sentido, Reinaldo José Lopes ao analisar os "adjetivos pátrios"

usados por Tolkien em uma passagem observa que estes "estão todos em anglo-saxão, numa afirmação nem um pouco sutil do desejo de Tolkien de apoderar-se das mitologias do norte da Europa em nome de sua pátria – de preferência dando uma cutucada cultural em seus vizinhos celtas" (Lopes, 2012, p. 57). Por fim, sobre os bretões e os celtas em si, podemos até utilizar essa dificuldade de compreensão do celtismo destacada por Tolkien para novamente questionar quem foram os bretões e povos celtas do século VI? Como era sua cultura, sua religião, seus costumes? Eram cristãos ou "pagãos"? Como se relacionavam com outros povos?

Como tentamos abordar ao longo do artigo, devido a maior parte dos artefatos célticos provirem da cultura material, é difícil responder plenamente a essas questões, apesar da tentativa de arqueólogos, historiadores e outros profissionais que tratam do tema em reunir elementos de ordem distinta, como etnias, línguas e cultura material (Karl, 2020, p. 84). Além disso, devemos considerar ainda que grande parte da cultura que hoje é reconhecida como celta tem "formação de sua base nacional por meio de eruditos, intelectuais e românicos que promoveram a formação de uma identidade mitificada e estruturadora de uma memória cultural celta" (Mello, 2018, p. 218). Segundo Erick Carvalho Mello, do século V ao século XV, aparentemente o termo celta some das fontes históricas, porém a partir do século XVI começam a atribuir e denominar povos através das línguas, e é isso o que define quem são os celtas, os *keltoi*: as línguas. A língua falada pelos bretões, assim como pelas outras tribos celtas, é a base para se definir quem são os celtas hoje, portanto, o que nós conhecemos sobre essa "cultura celta" atualmente quase não tem a ver com os celtas que um dia contaram histórias orais sobre o Arthur, conforme já vimos com Miranda Green.

Ao analisar o poema de Tolkien percebemos que ele seleciona os elementos que pretende representar. Enfatizamos que, no poema, as nomenclaturas dos personagens ligadas aos animais, assim como a figura de Arthur, não contêm ligação à personificação dos deuses, apresentando elementos humanos e divinos, como ocorre na narrativa galesa de *Kulhwch e Olwen*, que aparentemente contém resquícios de uma "cultura celta". No entanto, o imaginário do Arthur de Tolkien ainda tem como inimigos os saxões.

Tolkien chega a citar a Ilha de Avalon, portanto, o outro mundo céltico, elementos que, provavelmente, provém do imaginário celta do personagem. Tolkien também cita a nau de Arthur Prydwen: "Apertam Prydwen, bela e altiva capitânia de Arthur, prateada nau" (Tolkien, 2013, p. 72 - 73). Prydwen, também um elemento que pode ser relacionado à cultura céltica, é citado em *Kulhwch e Olwen* três vezes.

Sendo assim, apesar do imaginário do Arthur de Tolkien conter muitos elementos posteriores ao século XII, ele também contém discursos do imaginário possivelmente celta, isso ocorre porque Artur representa aqueles heróis da Idade Média que, entre ficção e história, fazem parte do imaginário do período, e "tornaram-se personagens míticas, assim como certas personagens históricas que realmente existiram distanciaram-se da história para tornar-se, por sua vez, mitos e juntar-se aos heróis fictícios do mundo do imaginário" (Le Goff, 2009, p. 19). Já se passaram, aproximadamente, cerca de mil e quinhentos anos do surgimento do imaginário celta sobre Arthur, das narrativas bretãs sobre um suposto *dux bellorum* que iria salvar os bretões das invasões na Bretanha. Durante todo este tempo o imaginário arturiano fez parte da sociedade e ele ainda se encontra presente, afinal, nas últimas décadas, podemos encontrar diversos livros, séries e filmes sobre Arthur. Neste sentido, podemos afirmar que o imaginário do Arthur de J.R.R Tolkien contém inúmeros discursos que provém de diversas heranças culturais, de diversos povos, deste personagem histórico que se juntou e se tornou um herói fictício do mundo do imaginário. Apesar de sabermos que o imaginário arturiano contém heranças culturais de vários povos, buscamos enfatizar a importância da oralidade e da cultura celta para a construção do imaginário deste personagem, afinal, se não fossem os bretões nada do imaginário arturiano existiria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como não sabemos exatamente se, de fato, Arthur existiu, não temos como atestar, explicitamente, qual era a representação do personagem para os bretões e para as populações celtas tanto da Antiguidade quanto dos primeiros séculos da Idade Média. A cultura celta e a celticidade são um assunto

frágil, como discutimos, devido às disputas de memória atuais que existem sobre o que é ser celta. Outro impasse é a romantização da cultura destes povos, que também ocorre com a própria noção de Idade Média após o fim desse período histórico. As fontes históricas sobre Arthur, o *dux bellorum*, herói dos bretões, foram, em sua maioria, escritas muitos anos depois do momento em que o mito surgiu na Bretanha, isto se torna evidente ao refletirmos sobre como o imaginário arturiano se "espalhou", afinal, no século XII, é possível encontrar escritos sobre Arthur em diversos locais do mundo. Apesar disto, muitos elementos do imaginário bretão permaneceram nestes escritos, alguns destes, talvez, representam a cultura celta, como a relação de Arthur com o outro mundo céltico, sua busca pelo caldeirão mágico e sua divindade ligada aos elementos da natureza, características presentes no *Mabinogion*, nos contos galeses. Após o século XII, estes elementos foram, lentamente, sendo substituídos e alterados, se “entendemos que “o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais” (Baczko, 1985, p. 309), compreendemos os motivos do porquê Arthur passa a ser um rei cristão por excelência, vira modelo da cavalaria medieval com a Távola Redonda, e com os romances literários do período, que expressam isto, conforme demonstramos no primeiro tópico.

J.R.R Tolkien possuía um profundo conhecimento sobre a Idade Média, sobre as mitologias de diversos povos do período Medieval e da Antiguidade, e, consequentemente, sobre as discussões e problemáticas relacionadas às origens destes povos. Portanto, quando Tolkien escreveu A Queda de Arthur ele conhecia o ciclo arturiano, já havia lido fontes históricas sobre o tema, e é imprescindível termos em mente que Tolkien sabia o que estava fazendo quando escreveu *A Queda de Arthur*. O filólogo não fez suas escolhas em achismos ou involuntariamente, suas preferências em utilizar determinadas expressões e termos como pagãos, hereges, Prydwen, Bretanha, saxões, dentre outros, aconteceram, provavelmente, conforme suas preferências, afinal, o autor criticou abertamente outros escritos sobre o ciclo arturiano, e também sentia falta de um panteão literário que tratasse sobre o solo da Inglaterra.

Entendemos que o Arthur de Tolkien possui inúmeras características que provém de diversas fontes históricas sobre Arthur, de vários períodos da Idade

Média, as quais se sobressaem as obras posteriores ao século XII. Isso ocorre porque Tolkien emprega diversos elementos que só irão surgir no imaginário do personagem neste período, como a representação de Arthur como um rei cristão por excelência, os elementos que expressam os ideais dos romances de cavalaria e do amor cortês do período medieval, que surgem com os *romans* do século XII, a própria Távola Redonda, a traição de Mordred, o castelo/cidade de Camelot e Logres, o personagem Lancelot, assim como o próprio cristianismo, que não sabemos ao certo se existia na narrativa bretã, todos estes discursos se firmaram no imaginário arturiano mais de 600 anos depois dos contos celtas. Os inimigos de Arthur são "selvagens" e "pagãos", que renegam cristo, característica que, provavelmente, não existiria na perspectiva celta sobre os povos que invadiram a ilha. Com isso, entendemos que cumprimos nosso objetivo principal de analisar o imaginário de Arthur no poema de Tolkien, ao inseri-lo nas discussões e problemáticas existentes sobre a cultura celta e a propagação das narrativas arturianas no decorrer do tempo. Por isso, devemos considerar que existem problemas sobre a definição da cultura celta, porém, é possível refletirmos sobre a contribuição desse povo para a construção e difusão do imaginário arturiano no decorrer do tempo, conforme esperamos ter ficado perceptível ao longo do artigo.

REFERÊNCIAS

AMIM, Mônica. **O mito arturiano em seus diversos momentos.** Augustus – Rio de Janeiro – Vol. 6 – N. 12, 2001.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação social.** In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **História e análise de textos.** In: Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Editora Campus, 1997.

CARPENTER, Humphrey. **As Cartas de J.R.R Tolkien.** Harper Collins Publishers, 1981.

COELHO, C. F. F. **Aqui jaz Arthur: literatura arturiana no medievo e seu reflorescimento na idade contemporânea.** Faces da História, v. 2, n. 2, p. 42-60, 22 ago. 2017.

FERREIRA, Thiago Destro Rosa. **Mitos da Terra-Média: mitologia e modernidade na obra de J.R.R Tolkien.** Uberlândia: EDUFU, 2018.

GREEN, Miranda. **The Celtic World.** Routledge, 1ª edição, 1996.

HUGHES, Shaun F.D. **Review of The Fall of Arthur, by J.R.R. Tolkien.**

Arthuriana, vol. 23 no. 3, 2013.
KARL, Raimund. **The Celts in Antiquity: crossing the Divide Between Ancient History and Archaeology.** Revista Brasileira de História, aug 2020, Volume 40 N. 84.
KLATAU, Diego. **O estudo de J.R.R Tolkien do poema "*Sir Gawain and the Green Knight*".** Cibertologia - Revista de Teologia & Cultura, 2002.
LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. RJ, Vozes, 2009.
LE GOFF, Jacques. **O homem medieval.** Lisboa: Editorial Presença, 1989.
LISCHESKI, Vanessa. **Representações arthurianas no cinema: um estudo acerca da Matéria da Bretanha.** Universidade Regional de Blumenau, 2013.
LOPES, Marcos Antônio. **Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria.** Tempo, Niterói , v. 16, n. 30, p. 147-165, 2011.
LOPES, Reinaldo José. **With many voices and in many tongues: Pseudotradução, autorrefração e profundidade cultural na ficção de J.R.R. Tolkien.** (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
LUPI, João Eduardo Pinto Basto. **Os Druidas.** Brathair (Rio de Janeiro) , v. 4, 2004.
MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. **A demanda do Santo Graal: o manuscrito de Heidelberg.** Estud. av., São Paulo, 2017.
MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
MARTINS, Janaina Träsel. **A cosmovisão celta e a vocalidade poética: a tradição oral e as narrativas mitológicas da Idade Média.** Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, 2015.
MEGALE, Heitor. **Matéria da Bretanha: da França ao ocidente da Península Ibérica.** Anais do Encontro de Estudos Românicos, [S.l.], v. 2, 1995.
MELLO, Erick Carvalho. **A Antiga chama do celtismo volta a aquecer o velho mundo? Invenção de Memória e produção identitária nos festivais intercélticos europeus.** (Doutorado em Memória Social). Rio de Janeiro, 2018.
MONGELLI, Lênia Márcia. **Matéria da Bretanha e Medievalismo no Brasil.** Revista Brathair, nº 6, 2006.
OLIVIERI, Fillipo Lourenço. **O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I A.C.** (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
PEREIRA, R. C. M. **A Literatura Arturiana na Idade Média: Fontes, Transformações e permanências.** Brathair (Online), v. 8, p. 93-105, 2008.
RAMOS, Julyane. **A representação da sociedade cavaleiresca na literatura por meio dos contos arturianos.** Revista Eletrônica das Monografias do Curso de História, 2013.
SANTOS, Dominique. **A imagem dos Druidas e as representações de suas práticas mágico-religiosas nas fontes da antiguidade**. In: Edson Arantes Junior; Haroldo Reimer. (Org.). História e Religião na Antiguidade. 1ed.São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.
SANTOS, Dominique.; FARRELL, Elaine. **Táin Bó Cúailnge - Um Épico Irlandês.** In: Dominique Santos. (Org.). Grandes Epopeias da Antiguidade e do Medievo. 1ed.Blumenau: Edifurb, 2014.
SILVA, Juliana Sylvestre da. **A Matéria da Bretanha e a historiografia medieval: da Historia Regum Britanniae às primeiras crônicas peninsulares em língua romance.** Campinas: Unicamp, 2004.

STIEGELBAUER, Laura Rebeca; MILANCOVICI, Speranta Sofia; TIRBAN, Narcisa. **The Legendary King Arthur and its Possible Oral History Flourishing Transmitters from the Dark Ages until the Middle Ages.** International Conference on Humanity, History and Society. IPEDR vol. 34, Singapore, 2012.

SUDELL, T. S. **The Alliterative Verse of The Fall of Arthur.** Tolkien Studies, vol. 13, 2016.

TOLKIEN, J.R.R. **A Queda de Arthur.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

WEBSTER, Graham. **The Celtic Britons under Rome.** In: Green, Miranda. The Celtic World. Routledge, 1ª edição, 1996.

WHITE, Michael. **J.R.R Tolkien: o senhor da fantasia.** Rio de Janeiro. DarkSide Books, 2016.

ZIERER, Adriana. **Arthur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas.** Brathair, v. 2, n. 1, 2002.

ZIERER, Adriana. **As mudanças nas imagens do mítico Artur: De Dux Bellorum a Rei Cristão nas Visões de Nennius e Geoffrey de Monmouth.** In: Zierer, Adriana (Org.) Uma Viagem pela Idade Média. São Luís: Ed. UEMA/Apoio Fapema, 2010.

ZIERER, Adriana. **O Mito Arturiano e sua Cristianização nos Séculos XII e XIII.** CIÊNCIAS HUMANAS EM REVISTA, ISSN: 1678-8192. Ciências Humanas em Revista (UFMA), São Luís, v. 3, n.1, p. 141-155, 2005.